

20 MAR 1989

Educação

Educação/M

Estudo mostra que 1º grau de escola pública não alfabetiza

SÃO PAULO — Um minucioso relatório de 170 páginas denominado "Avaliação do Rendimento de Alunos de Escolas do 1º Grau da Rede Pública", preparado pela Fundação Carlos Chagas, para o Instituto de Pesquisas Educacionais (Inep), do Ministério da Educação, está apresentando um dos mais desoladores quadros do ensino básico brasileiro: crianças semi-alfabetizadas, que mal conseguem escrever o nome ao final da 1ª série (o que sugere um número muito maior de analfabetos no Brasil do que os 20 milhões de pessoas estimadas no início da década); e um canal entre-cortado de comunicação entre professores e alunos.

"Há alunos com sérios problemas de alfabetização registrados na quinta série", alarmou-se o professor Heraldo Viana, pesquisador sênior da Fundação e coordenador do projeto, que acabou se transformando na primeira avaliação ampla e nacional dos cursos de primeiro e segundo graus das escolas públicas.

Na primeira fase, a pesquisa abrangeu 19 escolas em 10 capitais brasileiras, entre elas Recife, Belo Horizonte e Florianópolis, avaliando o rendimento de um total de 4.518 alunos matriculados nas 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries. "Depois, decidimos ampliar os trabalhos para cidades do interior de todos esses estados", conta o professor Heraldo Viana, que se dedica há 20 anos ao estudo dos problemas educacionais brasileiros. Nessa segunda empreitada, foram selecionadas mais 62 escolas, que abrigavam mais de 8 mil alunos.

Os processos de avaliação foram baseados no currículo oficialmente conhecido das séries escolhidas, restringindo-se, basicamente, à adoção de provas — Português, Redação, Matemática e Ciências — formuladas pelos próprios professores da rede municipal e estadual de primeiro grau, selecionados pela Fundação. "Tentamos elaborar provas que já fossem conhecidas pelos alunos, respeitando o que havia sido ministrado em aula", afirma Heraldo Viana, ao lembrar que, antes da elaboração das provas, a Carlos Chagas fez um amplo seminário com professores de primeiro grau no qual cada matéria que seria avaliada recebeu a confirmação de que já havia sido dada em sala de aula.

Decepção — As primeiras avaliações depois de corrigidas as provas não poderiam ser mais decepcionantes: nas provas de Português da primeira série,



Heraldo alarmou-se com o desempenho dos estudantes

por exemplo, um número bastante significativo de alunos teve dificuldade de ler o texto e de compreender as instruções, apesar de terem sido explicados oralmente pelos professores. "Muitos alunos também escrevem como falam, além de usarem indiscriminadamente maiúsculas e minúsculas", lembra Viana. Nos exames de Matemática para a primeira série, observou-se a mesma dificuldade de entendimento das questões e principalmente a deficiência no aprendizado de conceitos de dezena e unidade, com respostas absurdas como $1 + 5 = 17$ ou $23 + 2 = 43$, entre outras coisas.

Nas provas de Português para as turmas de terceira série, uma das surpresas foi o alto grau de dificuldade para caracterização de aumentativo e diminutivo ou interpretação de um pequeno texto, por exemplo. "E os problemas vão todos por aí, chegando ao ponto de um aluno de quinta ou sétima série não saber fazer conta de subtração ou adição, o que o leva a errar equações de primeiro grau", lamenta Viana.

Simultaneamente, a pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas evidenciou sérios problemas administrativos nas escolas, como a falta de professores e dados incompletos sobre o número de

alunos matriculados. "Houve casos em que nossas aplicadoras de provas tiveram que dar aulas, pois não havia professor na escola", conta Viana. "Há também aqueles mestres que se limitam ao uso do livro didático e não sabem transmitir os conhecimentos", acusa.

O trabalho, concluído há poucas semanas, já foi apresentado ao ministro da Educação, Carlos Santana, que, segundo o educador, demonstrou muito interesse na continuidade das pesquisas. "Nossa idéia é fazer esses trabalhos periodicamente, para ter sempre um referencial dos problemas", revela Viana, graduado em Ciências Sociais e com doutorado em Educação.

Projetos não faltam. No final do ano, por exemplo, Viana planeja iniciar mais duas pesquisas. A primeira, em setembro, para fazer uma avaliação do primeiro grau nas escolas privadas; e a segunda, em outubro, pretende comparar o desempenho do segundo grau público com o privado.

Já em meados de abril Viana promete concluir outra pesquisa sobre avaliação de rendimento no segundo grau: "Já deu para ver que os desempenhos mais fracos ocorrem em Português e Matemática", adianta.